



SEBASTIÃO
&
CLARA

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2016

TÁDEU RODRIGUES



EDITORA PENALUX
Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260
penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO
França & Gorj

REVISÃO
Daniel Souza Luz & Delma Maiochi

FOTOS DE CAPA E 4ª CAPA
Márcio Salata

FINALIZAÇÃO E DIAGRAMAÇÃO
Ricardo A. O. Paixão

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R696s RODRIGUES, TADEU. 1986 -
SEBASTIÃO & CLARA / TADEU RODRIGUES. -
GUARATINGUETÁ, SP: PENALUX, 2016.

362 p. : 22,5 cm.

ISBN 978-85-5833-099-2

1. ROMANCE I. TÍTULO.

CDD B869.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.
A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

Capítulo I

Dizem que toda história é a versão contada pelos vencedores. A que vou contar, a minha, não. Na verdade, ainda não sei se sou um vencedor ou um vencido.

Vou contar a minha vida pelas coisas que me marcaram e me fizeram ser um rascunho de um ser humano. Talvez cometa equívocos quanto à ordem de datas, tempo e meses. O importante é que, salteada ou não, minha história é esta, e aconteceu comigo; não importa se ontem ou se no ano passado.

Outro ponto importante é saber que alguns detalhes sobre fatos que aconteceram comigo podem ter ocorrido de outra maneira. Muitas coisas aconteceram quando eu era adolescente, então a minha memória responde tal qual. Apesar de ainda ser jovem, não me recordo dos pormenores burocráticos que me circundaram em momentos entediantes.

Perdoe a minha vida imperfeita.

Meu nome é Sebastião e por muito tempo eu só tive um documento que comprovava isso: um RG que tirei em um mutirão de registro civil que teve no bairro pobre, mas muito pobre, onde morava. Nunca andava com ele, afinal, ninguém se importava. Sobre isso, inclusive, lembro-me vividamente do meu pai, Paulão, bêbado, me acordando com um tapa no rosto às 8h da manhã.



— Levanta, seu merda do caralho! Não falei que hoje você tem que ir pegar fila pra tirar documento? Quer ser morto como indigente?

Eu tinha oito anos. Não entendia (e acho que ainda não entendo) o porquê de precisar de um papel para provar que era gente.

Minha casa era muito simples e nunca tínhamos nada. Minha mãe morreu assim que nasci. Segundo meu pai a culpa foi minha, demorei para sair do seu ventre.

Não tenho irmãos, o que agradeço. Não que eu não gostaria de ter alguém com o mesmo sangue que o meu, mas é que acho que colocar mais uma pessoa no mundo para apanhar e viver aquele inferno não é algo bom de desejar a alguém.

Assim que minha mãe morreu meu pai assumiu a minha criação. Um lixo de criação, diga-se. Se não fosse um bêbado nojento ele seria uma boa pessoa. Mas forço a minha memória e não lembro um só dia de tê-lo visto são durante toda minha infância e adolescência.

Meu pai tinha o olhar cansado e aéreo. Falava agressivamente e vivia arrumando problemas com os moradores do bairro. Quando ele não estava me batendo, estava deitado no sofá dormindo e babando.

Até os meus quinze anos apanhei dele. A escala das minhas surras foi assim: depois que nasci, apanhei mesmo por volta dos dois anos de idade, sei disso porque uma das vizinhas, a Sra. Basílio, vivia gritando com o meu pai “Não bata no menino, ele só tem dois anos”, e como a voz dela era irritante e aguda, nunca me esqueci. Depois fiquei um tempo sem apanhar, quer dizer, não com tanta frequência. Mas após os meus dez anos as surras começaram pra valer, quase que diárias, acompanhando a bebedeira do meu pai. Quanto mais bebia, mais eu apanhava. Quando ele estava muito bêbado as surras doíam menos, pois ele ficava fraco, mas eu chorava assim mesmo.



Depois que tirei meu documento, um vizinho chamado Jaime (sempre achei esse nome engraçado, porque esse Jaime que conheci era engraçado), que cometia pequenos furtos, deu-me uma carteira porque fui comprar leite para ele. Ela era usada e estava um pouco rasgada, e era, muito provavelmente, produto de algum roubo. Não me importei. Guardei-a com carinho e sempre a usava quando vestia a única calça que eu tinha.

Eu tinha outro vizinho interessante, que se chamava Luís Henrique, e “ai” de quem o chamasse apenas de Luís, ou Henrique. Era um vizinho que não cabia em nosso bairro, pois, apesar de pobre, era refinado e extremamente educado. Ele foi fundamental, de certa forma, para o meu crescimento, pois eu adorava observar a sua educação. Ficava reparando em seu jeito meticuloso de falar e ficava imitando-o. Olhava no espelho e pegava as frases em desenhos e filmes que assistia e treinava em meu reflexo. A minha obsessão pela fala correta foi tamanha que realmente fiquei bom nisso. Era bom em falar bem e em ser educado quando eu quisesse. Talvez perceba isso enquanto narro a minha história.

Fui à escola do bairro até meus quinze anos. A escola era péssima. Lá havia todo tipo de gente; dos drogados aos puritanos. Não sei por que, mas nunca me droguei. Não sei por que também os meninos muito mais velhos do que eu continuavam indo à escola. Acho que era para arrumar esquemas ilícitos e captar clientes viciados.

Bom, falando em drogas, na verdade já fumei alguns baseados, mas perder o controle sobre as coisas que faço é algo que me aterroriza, e sempre me aterrorizou; por isso — e acho que só por isso — não quis nem experimentar outras drogas.

Minha escola se chamava Escola Estadual Coronel Ramos. Tenho pouca lembrança dela. Lembro-me de alguns muros pichados e carteiras quebradas. Lembro-me, também, que todo início de ano



tínhamos que ler um texto desse tal coronel. O uniforme da escola trazia o nome e o brasão de sua família no peito. Alguns professores não gostavam disso, acho que por questões que envolviam as forças armadas, não me lembro o motivo ao certo, apenas me recordo um ou outro professor falando. E sim, o coronel era do exército.

Eu nunca faltava às aulas, preferia ir ao lixo da escola do que ficar em casa com o lixo do meu pai, aliás, qualquer coisa era melhor. Ele recebia uma aposentadoria por invalidez, perdera três dedos no trabalho e conseguira se afastar pelo governo, acho que foi mediante alguma trama, pois ficou pagando por quase um ano todo o seu salário a um advogado picareta do bairro. Mas por ter esse dinheirinho, não saía de casa ou do bar; o que era péssimo. Ele bebia todos os dias e começava a empreitada etílica logo pela manhã. Diminuí um pouco quando o mês ia acabando, e durava até receber o novo salário.

Hoje sei que, mesmo sem os três dedos, ele poderia ter arrumado algum emprego. Não fizera por relaxo mesmo.

Sempre faltava comida em casa e a gente se alimentava com o básico. Com o dinheiro que meu pai gastava com bebida, facilmente teríamos mais alimentos, mas comida não era algo importante para ele. Isso me irritava.

Quanto mais o via bêbado, mais tentava me afastar do meu primeiro gole.

Às vezes eu apanhava dia sim, dia não. E o que mais me humilhava eram os tapas que ele me dava na cara. Sentia-me mal mesmo. Tinha medo. Acho que se eu fosse mais forte o enfrentaria. Meus braços sempre foram finos, e meus olhos castanhos, não tão pequenos, viviam vermelhos. Meus ossos fracos também não ajudavam muito. Meu pai dizia que puxei para a minha mãe.

Graças à pouca alimentação eu era franzino. Não sou alto. Acho que meço por volta de 1,70m. Na época da escola usava meus



cabelos negros repartidos ao meio. E minha pele branca vivia vermelha de sol.

Uma vez entrou um novo diretor no colégio. O Estado o colocou lá para botar ordem. No começo ele até se mostrou firme, mas logo depois foi ameaçado por meus colegas e teve seu cachorro degolado em um fim de semana. O pobre cãozinho, que nada tinha a ver com a rigidez do diretor, teve sua cabeça arrancada e jogada na calçada da frente da casa do dono.

Como eu não apresentava nenhum perigo a ele, e pelo fato dele querer mostrar serviço aos seus superiores, me usou de bode expiatório. Sempre, e sem qualquer justificativa, me encaminhava para a sala do castigo, que consistia em um cubículo sem janela e com uma cadeira virada para a parede. Eu não tinha voz para ir contra.

Em uma manhã, na escola, apareci com muitos hematomas no rosto. O diretor chamou a polícia. Meu pai foi ouvido pela primeira e única vez por conta das surras que me dava. Eu disse para o policial que tinha apanhado na rua. Menti covardemente. Não quis entregar meu pai, acho que sentia medo de dizer, pois não queria ser visto como alcaguete. Nunca noticiei as surras que levava. Como não era incomum ser espancado por marginais na quebrada onde eu morava, a polícia, naquele dia, acreditou em mim e meu pai se viu livre.

Os quatro dias pós-polícia na escola foram bons. Meu pai não me bateu, acho que sentiu um pouco de receio de ser preso. Porém, no dia anterior ao meu aniversário de 16 anos, ele chegou muito bêbado. Perguntei se poderia faltar à aula no dia seguinte, por ser meu aniversário. Não devia ter feito isso. Meu pai me enforcou e eu perdi a consciência por um bom tempo. Na verdade, devem ter sido apenas alguns segundos, mas para mim aquilo foi a eternidade.



Ele começou a me chutar e eu urrava de dor. Doía demais. Comecei a cuspir sangue; achei que por isso ele fosse parar. Nada. Foi pior. Eu estava morrendo. Morrendo espancado. Não era um jeito que me imaginei partindo desta vida, mas era o que estava tendo. A cada pancada ele me batia com mais força. Nunca entendi porque sempre apanhei tanto. Uma vez vi na TV uma mulher falando, alguma dessas doutoras em tudo, que o pai agressor é na verdade vítima do sistema, que provavelmente teve uma educação desregrada, violenta. Tudo bem, doutora, mas sua observação não me ajudou em nada. Apanhei como um bandido dedo-duro pego em uma cela de algum pavilhão perigoso da penitenciária.

Seja qual tenha sido a infância do meu pai, o certo é que após eu quase morrer aquele dia, fiquei agonizando no chão do meu quarto. Os seus dedos faltantes não eram problemas, ele sabia me acertar em cheio. Meus ossos doíam inteiros. Lembro que quando consegui abrir um pouco os olhos, vi que eu estava deitado no chão e banhado em sangue. Dormi assim mesmo, curvado e sujo como um monte de merda.

No outro dia acordei melhor. Levantei-me e notei que meu pai não estava em casa. Já devia estar no bar. Eu estava possesso como nunca havia estado. Meus ossos doíam menos. Sentei em minha cama e fiquei por um longo tempo olhando a parede. Acho que foi a última vez que chorei por causa do meu pai e por causa daquela porcária de vida que eu tinha.

Guardava minhas roupas em caixas. Eram duas camisetas, quatro cuecas, uma calça de moletom, uma camiseta da escola encardida e uma blusa furada. Todas muito velhas. Coloquei-as em uma sacola (com exceção do uniforme) e fui até a cozinha. Na parte de trás do armário, em um pote de café, meu pai guardava algum dinheiro. Peguei o pouco que tinha — quase nada — e saí de casa. Fugi.



Como eu morava no interior, optei por sumir pegando um ônibus para a capital e, após algumas horas, cheguei são e salvo. Desci na rodoviária ansioso e cansado. A viagem tinha sido longa, mas cheguei aliviado. Qualquer lugar desse mundo seria melhor que minha casa. Ali estavam eu, minha sacola, minha carteira e meu RG. Nunca tinha ido a uma cidade grande e não tinha ideia do que fazer. Era final de tarde e, pelo pessoal estranho que estava circulando pela rodoviária, não achei bom ficar ali.

Fui caminhando pela calçada aos arredores e logo notei que estava em um bairro de periferia, isso sim eu sabia reconhecer bem. Tive convicção de que lugar de pobre é na periferia, porque lá ficamos menos visíveis. Não incomodamos ninguém quando estamos à margem. Meio que o nosso espaço, sabe? E outra, pobre reconhece pobre. Ali era a minha gente. Logo, era melhor eu não ir muito longe. Se fosse a um bairro melhor, procurar algo ou até mesmo lugar para dormir, provavelmente os riquinhos chamariam a polícia. E o que um cara com apenas um RG, como eu, falaria? Nada. Era cana na certa. Já vi isso acontecer.

Eu estava com fome, mas meu dinheiro tinha acabado, só tinha dado para a passagem e para duas garrafas d'água. Água ajuda a enganar a fome. Havia algumas lanchonetes nos arredores da rodoviária. Dei uma olhada nas mesas vazias e em algumas delas havia restos de lanches. Passei rapidamente e peguei as sobras. Peguei quatro generosos pedaços e os coloquei em minha sacola. O dono de uma das lanchonetes não gostou. Mandou-me sair mediante gritos.

Dei uma olhadela e saí. Não queria confusão. Sentei perto de um viaduto e devorei os quatro pedaços em segundos.

Vendo os carros e alguns moradores de rua se ajeitando para procurar algum lugar cômodo para passar a noite que ia entrar, suspirei fundo e aliviado, aquela noite eu não iria apanhar. Pelo menos





www.editorapenalux.com.br

 tadeufrodrigues@gmail.com

 [/tadeufcorodrigues](https://www.facebook.com/tadeufcorodrigues)